

# FRONTEIRA ETNOCULTURAL E DESENVOLVIMENTO RURAL: O PRODUTO TURÍSTICO “TREM DO PANTANAL” NO DISTRITO DE TAUNAY

Ethno-cultural frontier and rural development: the tourist product “Pantanal Train” in district of Taunay

La frontera etnocultural y el desarrollo rural: el producto turístico "Tren del Pantanal" en el distrito de Taunay

Edson Pereira de Souza<sup>i</sup>  
Sérgio Ricardo Oliveira Martins<sup>ii</sup>  
Ana Paula Correia de Araújo<sup>iii</sup>  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*

## Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar as perspectivas de desenvolvimento rural, entre indígenas e não-indígenas do Distrito de Taunay, depois da implantação do produto turístico “Trem do Pantanal”. O presente trabalho incorpora a preocupação de compreender os mecanismos do desenvolvimento rural, assim como as expectativas locais diante do retorno do Trem do Pantanal. Para atender ao objetivo proposto, estabeleceu-se um roteiro teórico-metodológico para a maximização da absorção de detalhes e informações nas visitas realizadas no Distrito de Taunay (trabalho de campo), adotando-se os seguintes procedimentos e técnicas de coleta de dados: pesquisa bibliográfica, observação direta sistemática; coleta de depoimentos orais de moradores índios e não-índios, orientada por um roteiro de questões semi-estruturadas. Verificou-se que há frustrações da maioria dos moradores do Distrito de Taunay, relacionadas ao processo de reestruturação daquele espaço rural, em vista do fomento ao turismo na região pantaneira. De fato, interesses e expectativas locais não foram considerados no planejamento do Trem do Pantanal. Portanto, faz necessária uma reavaliação do roteiro do referido atrativo turístico, em vista das necessidades, interesses e expectativas locais, expressos nos depoimentos apresentados. Tal providência deve contemplar a participação ativa da população de Taunay, indígenas e não-indígenas, para que os distintos segmentos sociais possam expor seus interesses, convergências e divergências, promovendo assim o desenvolvimento rural com base nos recursos locais e nas parcerias externas, governamentais e não-governamentais.

**Palavras-chave:** desenvolvimento rural; fronteira etnocultural; turismo.

## Abstract

This paper aims to analyze the indigenous and non-indigenous people's prospects for rural development in District of Taunay, after launching the tourist product "Pantanal Train". The present work is worry about understanding the process of the rural development, as well as the local expectations faced with the return of Pantanal Train. In order to achieve this objective, it was established a theoretical-methodological script for fieldwork in Taunay with the following data collection techniques and procedures: bibliographical research, direct observation, collection of oral testimonies of Indians and non-Indians, guided by a set of semi-structured questions. It was found that there are frustrations of many residents of District of Taunay related to the restructuring process of that rural area, in view of promoting tourism in Pantanal region. In fact, local expectations and interests were not considered in planning the Pantanal Train. Therefore, it's necessary to reassess the script of that tourist attraction, in view of the needs, interests and local expectations expressed in the statements. People in Taunay, indigenous and non-indigenous, must be involved actively in this process so that various social segments can expose your interests, agreements and disagreements, and thus to promote rural development based on local resources and partnerships with governmental and non-governmental organizations.

**Keywords:** rural development, ethno-cultural frontier; tourism.

## Resumen

Este artículo pretende analizar las perspectivas de desarrollo rural del pueblo indígena y no indígena en el Distrito de Taunay, después del lanzamiento del producto turístico "Tren del Pantanal". La motivación de este trabajo es comprender los mecanismos de desarrollo rural, así como las expectativas locales delante del regreso del Tren del Pantanal. Para alcanzar la meta propuesta, se estableció un plan teórico y metodológico para el trabajo de campo en Taunay con los siguientes procedimientos y técnicas de recogida de datos: investigación bibliográfica, la observación directa, la recogida de testimonios orales de los residentes indígenas y no indígenas guiada por un cuestionario semiestructurado. Se constató que la mayoría de los residentes del Distrito de Taunay se han frustrado con el proceso de reestructuración de este espacio rural con el fin de promover el turismo en la región del Pantanal. De hecho, no se consideraron los intereses y las expectativas locales en la planificación del Tren del Pantanal. Así, una nueva evaluación de la ruta turística del Tren resulta necesario, pero teniendo en cuenta las necesidades, intereses y las expectativas locales en la planificación del Tren del Pantanal. Así, una nueva evaluación de la ruta turística del Tren resulta necesario, pero teniendo en cuenta las necesidades, intereses y expectativas locales expresados □□ en los testimonios. Este proceso debe tener en cuenta la participación activa de la población indígena y no indígena de Taunay, asegurándose que los distintos segmentos de la población local puedan exponer sus intereses, acuerdos y desacuerdos y así fomentar el desarrollo rural basado en los recursos locales y alianzas con las organizaciones gubernamentales y no gubernamentales.

**Palabras clave:** desarrollo rural, frontera etnocultural, turismo.

## INTRODUÇÃO

De acordo com o último censo demográfico realizado pelo IBGE em 2010, no Brasil vivem atualmente cerca de 818 mil índios, ou algo em torno de 0,4% da população brasileira. Segundo a FUNAI, são cerca de 220 povos indígenas, distribuídos em 683 terras indígenas e algumas áreas urbanas, e pelo menos 180 línguas e 30 famílias linguísticas distintas. Tem-se no país uma das maiores diversidades étnicas do mundo<sup>1</sup>.

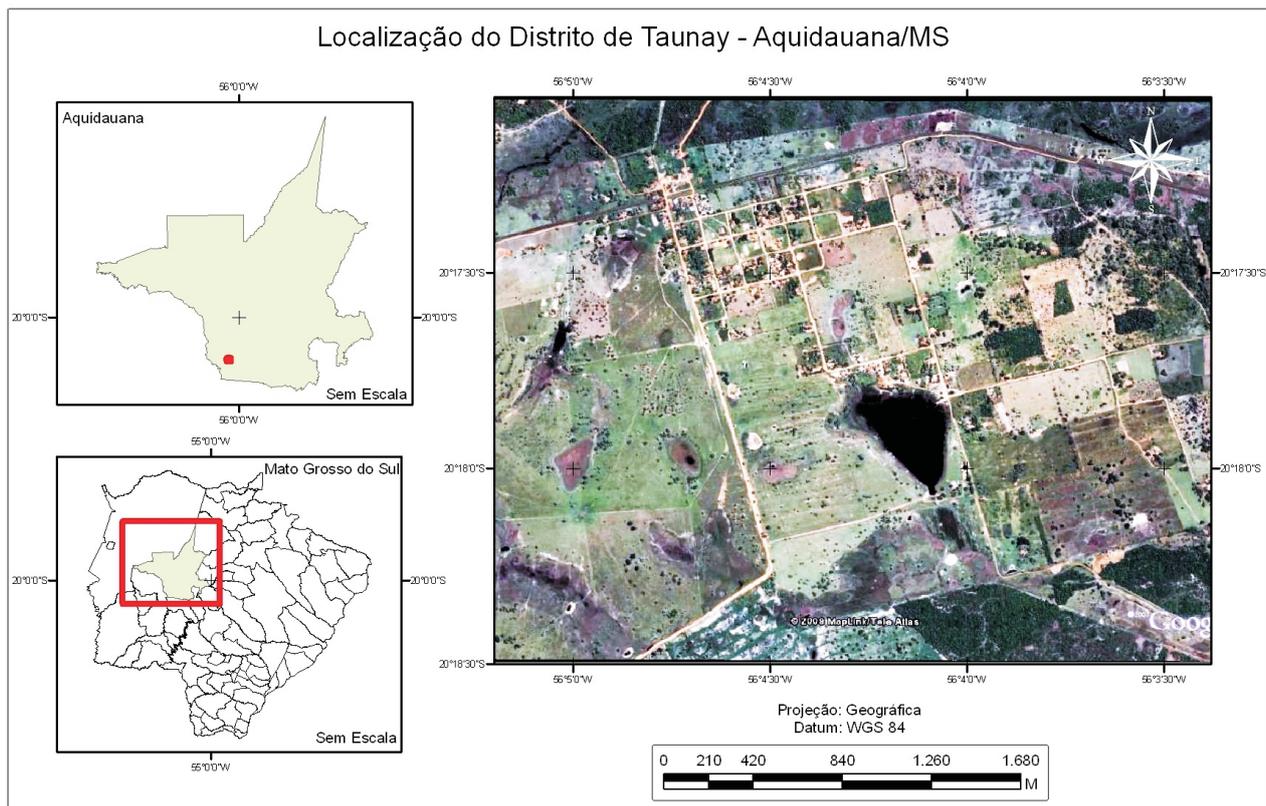
Em Mato Grosso do Sul, que tem a segunda população indígena do país<sup>2</sup>, a maior parte das reservas vive hoje uma situação de conflito com fazendeiros, políticos e poder público. A problemática envolve, sobretudo, a demarcação das terras indígenas no estado por parte da FUNAI, órgão que tem atuado, segundo Brand (2009), de forma indecisa na condução dos processos de identificação. Entre conflitos territoriais, políticas assistencialistas e demarcações inconclusas, verifica-se o empobrecimento dessas populações e o aumento da violência.

No município de Aquidauana (MS) existem nove aldeias indígenas e as que se encontram no Distrito de Taunay: Água Branca, Bananal, Colônia Nova, Imbirussu, Ipegue, Lagoinha e Morrinho. São encontradas em Taunay as etnias Xavantes, Kadiwéus e Terena, sendo esta última predominante (ENCICLOPÉDIA, 1958). O Terena é um grupo indígena pertencente ao subgrupo Guaná, de tronco linguístico Aruak, que ocupam áreas da Argentina, Bolívia, Brasil e Paraguai, chegando ao Brasil no final do século XVII. O povo Terena participou ativamente da Guerra do Paraguai (1864-1870) e teve como consequência suas aldeias destruídas e o povo disperso (SILVA; BRAND, 2009).

Com o término da Guerra do Paraguai, os índios regressaram para suas antigas aldeias, momento em que verificaram que boa parte de suas terras havia sido apropriada por fazendeiros. A saída para prover o sustento das famílias foi, para muitos indígenas, trabalhar como peões nas fazendas. Este período foi denominado de “tempo da servidão”, dadas as condições precárias e à superexploração do trabalho, além do fato de que pouco ou nada recebiam e a humilhantes condições impostas pelos contratantes. Essa situação perdurou até 1904 quando, por intervenção de Cândido Rondon nas câmaras municipais, reservas indígenas foram criadas (COUTINHO, 1975).

As ações políticas e os conflitos protagonizados pelos Terena, em prol da subsistência da aldeia ou de seus territórios em Taunay, não se caracteriza apenas uma disputa por áreas, no Distrito de Taunay, mas essencialmente uma luta pela possibilidade de se manter culturalmente. A este esforço de “sobrevivência sociocultural”, Miranda (2006, p. 35) denominou de “Tempo de Despertar”, fase em que os Terena buscam se inserir e aprender com a dinâmica da sociedade não-indígena.

Por isso, o presente artigo incorpora a preocupação de compreender os mecanismos do desenvolvimento rural, para atender a dinâmica do sistema vigente, assim como as expectativas e interesses advindos no retorno do Trem do Pantanal. Neste sentido, nas linhas que se seguem, o objetivo é analisar as perspectivas de desenvolvimento rural, entre índios e não-índios do Distrito Taunay, após um ano de implantação do produto turístico “Trem do Pantanal” ou “Pantanal Express”, que faz o percurso entre Campo Grande e Miranda, com paradas em várias estações



**FIGURA 1** – Mapa de localização do Distrito de Taunay (org. Edson P. Souza, 2010).  
Fonte: Plano Diretor de Aquidauana/MS (2008).

ferroviárias, entre as quais a de Taunay.

Metodologicamente, para atender ao objetivo proposto, estabeleceu-se um roteiro teórico-metodológico para a maximização da absorção de detalhes e informações nas visitas realizadas no Distrito de Taunay, adotando-se os seguintes procedimentos e técnicas de pesquisa: pesquisa bibliográfica, voltada para as seguintes categorias conceituais: desenvolvimento rural, lugar, território, territorialidade e fronteira; trabalho de campo, para o qual se utilizou de uma pauta de observação e registro; coleta de depoimentos orais de moradores índios e não-índios, orientada por um roteiro de questões semi-estruturadas.

## **TURISMO: UM CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL?**

O modo de produção capitalista se caracteriza por um contínuo processo de

reestruturação da ordem espacial. Para Soja (1993), este aspecto garante o predomínio do sistema. O autor assim define reestruturação como “a noção de uma ruptura nas tendências seculares, e de uma mudança em direção a uma nova ordem e uma configuração significativamente diferentes da vida social, econômica e política” (SOJA, 1993, p. 194).

Na década de 1970 tem início um novo processo de reestruturação caracterizado pela passagem do modelo rígido de produção fordista para um modelo baseado na acumulação flexível, desencadeando mudanças em todas as dimensões do sistema capitalista: produtiva, econômica, política, cultural, social, ambiental e espacial. Essas alterações caracterizariam a terceira Revolução Industrial, fase comumente conhecida por globalização.

A globalização é a etapa mais avançada do processo de internacionalização

geoeconômica mundial. Segundo Ianni (2003), na base da internacionalização do capital que caracteriza o capitalismo na atualidade, está a generalização do processo produtivo e das relações sociais de produção, atingindo todos os subespaços inseridos na atual divisão do trabalho.

No espaço rural, a dimensão econômico-produtiva se reorganiza a partir de novos padrões de gestão, de gerência e de organização dos sistemas de produção e do produto. Novas tecnologias, novas idéias, associadas à valorização da mão-de-obra qualificada, com o objetivo de produzir bens com qualidade e desempenho para um público diferenciado e exigente. Em paralelo, cresce o número de atividades não agrícolas no campo, com destaque para o Turismo que promove a reestruturação espacial a partir de uma racionalidade produtiva que implica em competitividade e produtividade.

O turismo é um fenômeno complexo que pode ser definido como o deslocamento de pessoas de seu lugar de residência, por um tempo determinado independente da motivação da viagem (FONSECA, 2004). Segundo a Organização Mundial do Turismo, "O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e permanência em lugares distintos ao seu entorno habitual, por um período de tempo consecutivo inferior a um ano com fins de ócio, por negócios e outros (OMT, 1998, p. 44).

A partir desta definição pode-se destacar que a prática do turismo não se limita a viagens de lazer, embora o turismo de lazer seja cada vez mais praticado no mundo por um número crescente de pessoas que se deslocam do seu espaço local (ARAUJO, 2006).

Esta atividade sempre foi praticada no

mundo, mas, a partir do Pós - Segunda Guerra a atividade se expande atingindo um número maior de pessoas. Araujo (2006, p. 211) apresenta as causas de expansão da atividade, dentre elas, destacam-se: a queda nos preços dos pacotes turísticos, o aumento da renda da população (incluindo férias remuneradas) e o desenvolvimento dos meios de transportes e comunicação. Surge o turismo de massa, caracterizado por Ruschmann (1997) como aquele que envolve grande volume de viajantes, em geral, os mesmos destinos e épocas do ano.

Com o processo de reestruturação do capitalismo mundial, a atividade turística sofreu alterações adequando-se aos novos padrões de competitividade do mundo globalizado (ARAUJO, 2006). As mudanças envolvem a produção flexível, com flexibilidade para compra e venda, para sistemas de reservas e para alterações de pacotes; a segmentação da demanda, atendendo as diferenças de gosto e necessidade do mercado consumidor; e a integração sistêmica do setor possibilitando agilidade de atendimento, conforto e preços mais acessíveis (FONSECA, 2004).

A reestruturação da atividade define uma Nova Era do Turismo (NET) ditada pela globalização, onde a competitividade entre as empresas e entre espaços se acentua. Neste processo, os fatores de produção (clima, praia, montanha) que definem vantagens comparativas são valorizados, juntamente com novos fatores, como qualidade do serviço prestado, respeito ao meio ambiente e oferta de produtos diferenciados que definem vantagem competitiva ao destino.

A OMT indica os elementos fundamentais de competitividade turística,

sendo eles: fidelização dos clientes, satisfação dos clientes, qualidade do produto, atendimento às expectativas geradas, *marketing* interno, políticas públicas de fomento que promovam o desenvolvimento da atividade.

Em consequência espaços são produzidos pela e para atividade turística, contendo um conjunto de formas-conteúdos que definem produtos turísticos diferenciados, para uma variedade de consumidores de diferentes idades, gostos, culturas, renda, entre outros elementos que caracterizam a sociedade no capitalismo da globalização.

Para Rosa (2004), a atividade turística produz e consome espaços, transformando a natureza em mercadoria, por meio do trabalho. Isso se dá pela produção do espaço e pelas leis do mercado, onde a localidade (culturas e peculiaridades) torna-se produtos.

Neste processo ocorre a valorização e a valoração de atributos físicos (clima, relevo, biogeografia) e humanos (cultura, sociedade) dos subsistemas espaciais que, aliado a vantagens competitivas, como preço, qualidade do produto, atendimento, hospitalidade, definem competitividade aos destinos e, ao mesmo tempo, transformam-se em mercadorias (ARAÚJO; BICALHO; VARGAS, 2010).

Araújo (2006) afirma que Organização Mundial do Turismo (OMT) prevê que até o ano de 2020, o mundo terá 1,6 bilhões de turistas visitando diferentes lugares anualmente, com estimativa de arrecadação superior a dois trilhões de dólares.

No Brasil, o Ministério do Turismo traz como meta para os próximos cinco anos (2010 – 2015) a fomentação e aumento do fluxo nacional e internacional de turistas com o incentivo de programas de valorização do

turismo interno. Neste contexto os destinos nacionais estabelecem roteiros e desenvolvem produtos turísticos para a inserção do local no circuito turístico nacional e internacional.

Arruda e Le Bourlegat (2010, p. 245) destacam a importância do transporte no desenvolvimento de espaços turísticos, “elemento vital de ligação entre os espaços de fixos e fluxos”. Fixos e fluxos, pois, consubstanciam a realidade geográfica em uma interação sistêmica de formas (naturais e artificiais) e ações que lhes atribuem significado e valor (SANTOS, 1996).

Em Mato Grosso do Sul, observa-se um processo de reestruturação do espaço pela atividade turística, com a construção de espaços turísticos no meio urbano e rural. A implantação do “Trem do Pantanal ou Pantanal Express” (FIGURA 2) representa um dos vetores de transformação espacial. O produto corresponde a um circuito ferroviário de Campo Grande a Miranda, no oeste do estado, com paradas de duração diferenciada, nas estações ferroviárias de Campo Grande, Camisão, Aquidauana, Taunay e Miranda.

O trem Pantanal Express é um produto turístico que se manifesta prioritariamente no trânsito, portanto nos fluxos. Os fixos são as estações ferroviárias situadas ao longo do trajeto Campo Grande – Miranda. Tais núcleos receptores compõem o produto turístico Pantanal Express, participam da satisfação da demanda e se beneficiam com a atividade.

Em consequência, ocorreu a revitalização das estações, mas o planejamento territorial foi precário em termos de envolvimento da comunidade local, sobretudo nas paradas de Camisão e Taunay, e de articulação entre as estações. Os resultados apresentam um movimento espontâneo de comercialização da



**FIGURA 2** - Produto turístico inaugurado em 8/05/2009 pela empresa Serra Verde Express, o trem Pantanal Express parte de Campo Grande rumo à cidade de Miranda, destino final do trajeto. Em sua viagem inaugural levou a bordo o então presidente, Luiz Inácio Lula da Silva. São aproximadamente 7 horas percorrendo dezenas de pontos atraentes seja pelo patrimônio histórico-cultural, seja pela beleza natural, com parada nas estações de Camisão, Aquidauana, Taunay e Miranda (RUIZ, 2009).

42

produção artesanal local, nas estações dos Distritos de Taunay e Camisão, e a dificuldade de fomento de fluxos materiais e imateriais entre os núcleos receptores, comprometendo a integração territorial. As estações passaram a operar isoladamente como pontos de convergência de fluxos. A competição criou um campo de força e de disputas entre essas áreas. Esta dinâmica expõe as relações de poder, favorece determinadas localidades em detrimento de outras. Assim, o Pantanal Express protagoniza a construção e apropriação desigual de um território em rede, que se destaca o controle da mobilidade e das conexões, afetando, por conseguinte, as relações dos distintos agentes envolvidos (HAESBAERT, 2005). É importante assinalar que qualquer desenvolvimento é produto também de relações sociais, sendo portanto diretamente afetada pela qualidade de tais relações (PAULA, 2004).

Assim, os lugares se transformam para atender a nova dinâmica de desenvolvimento rural, aspecto que interfere na vida social, na relação sociedade-natureza e na ordem existente, podendo provocar uma instabilidade no sistema espacial.

### A INTERFERÊNCIA NA DINÂMICA DO LUGAR NUMA PERSPECTIVA DE DESENVOLVIMENTO RURAL

O lugar surge da relação entre espaço e sociedade, que significa criação, estabelecimento de uma identidade entre comunidade e seu ambiente, que se estabelece por meio de formas de apropriação para a vida, garantindo a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora (ROSA, 2004).

Nesse movimento, processos de universalização e particularismo são combinados a interagir de modo a provocar estímulos no consumo que aceleram os processos de acumulação. Para Ianni “[...] em todos os grupos sociais e instituições, em todas as ações e relações sociais, tendem a predominar os fins e os valores constituídos no âmbito do mercado, da sociedade vista como um vasto e complexo espaço de trocas” (2003, p.21).

Neste processo há uma valorização e valoração da identidade como elemento de diferenciação de áreas. Aspectos de padronização e de particularismo interagem, mas universalizam-se na cultura do capitalismo em sua fase atual. Para Saquet (2007), quando uma comunidade é ameaçada

por constantes mudanças, ela pode recorrer a sua iconografia, a sua identidade, como forma de resistência e reforço da coesão interna, podendo aceitar ou não as alternativas que lhe são propostas (e às vezes impostas).

Essas ações culturais que produzem identidades são chamadas de etnicidade, uma forma de organização social que, segundo Barth (1998), se define nas fronteiras, ou seja, no contato com o outro e que se valida na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores<sup>3</sup>.

Saquet (2007, p. 49) aponta que no “mundo rural, efetivam-se relações com a terra, na família, com os vizinhos, na comunidade e com sujeitos da cidade”. Por isso, pode-se dizer que a maneira como esses indivíduos interagem caracterizam suas territorialidades cotidianas.

Sendo assim, Altivater (1995) destaca que o processo de reestruturação realizado no espaço pode ser de modo *descontínuo* e *não simultâneo* nas diversas localidades do mundo. O autor se mostra preocupado com o processo de intervenção e alteração do espaço no que tange aos recursos naturais e culturais, pois podem não estarem disponíveis para “uma segunda vez para as estratégias do desenvolvimento”. Santos (1994, p. 5) entende que:

A história do homem sobre a Terra é a história de uma rotuca progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo.

Este autor nos ensina que essa tentativa de dominação de instrumentos serve para artificializar a natureza e, ao viabilizar o

atendimento às distintas necessidades, acarreta mudanças positivas e/ou negativas na história humana.

Para Ianni (1997), a cultura do capitalismo seculariza tudo o que encontra pela frente e procura transformar as coisas (todos os recursos provenientes e disponíveis) em mercadorias. O autor ressalta que a dinâmica do capital, sob todas as suas formas, rompe e/ou ultrapassa fronteiras geográficas, culturas, civilizações dentre outras situações. Quando ocorre um processo de reestruturação no meio rural, observa-se a ocorrência da dinamização com o encontro das possibilidades e oportunidades preexistentes, e também inclui a multiplicidade de perspectivas (SANTOS, 1994). E foi por meio destas perspectivas estabelecidas que os moradores do Distrito de Taunay se prepararam para divulgar as peculiaridades da etnia predominante. Ianni (1997, p. 85) explica que “na medida em que as diferentes sociedades, culturas, tradições, línguas e religiões encontram-se, tensionam-se e mesclam-se, emerge a pluralidade de perspectivas”. Para isso, deve-se entender os significados de lugar e cultura. O primeiro, para Santos (1996), é como a extensão do acontecer caracterizado pela convivência, pela apropriação afetiva e simbólica do espaço. E o segundo é visto por Menegazzo (2002) como visão de mundo e/ou produto, mas necessariamente como marca de cidadania.

Em decorrência disso, o desenvolvimento rural no Distrito de Taunay altera as dinâmicas das características culturais que se fazem por meio das relações, como explica Dematteis (1964 apud SAQUET, 2007, p. 49), segundo o qual:

A casa rural é produto dessas múltiplas relações que se efetuam nos níveis da família, da comunidade e com a cidade, integrando a família a outras famílias e/ou a grupos sociais: é das relações que se estabelecem entre estes grupos que derivam as habitações.

No entanto, deve-se pensar em desenvolvimento rural como uma forma de integralidade e não ter a visão de desenvolvimento que o poder público manifesta, o qual, conforme expressa Altivater (1995), é medido pelo tamanho do produto social. Vislumbra-se o desenvolvimento para atender a um viés do sistema em meio às relações de mercado e poder, alterando o cotidiano e com perspectivas que, após a execução, será vista de forma positiva ou negativa, como ocorreu no Distrito de Taunay, o que provocou conflitos.

Entende-se que a cultura sul-mato-grossense é “plural” e “multifacetada” (ROSA, 2004, p. 84), e esta se torna difícil de ser contida ou descrita em diversos aspectos. Percebe-se que Mato Grosso do Sul possui uma diversidade de povos, de fronteiras etnoculturais que evidenciam a formação do Estado mais por “ajuntamento” do que por evolução natural.

Segundo Poutignat e Streiff-Fenart (1998), a existência e a realidade de um grupo étnico não podem ser atestadas por outra coisa senão pelo fato de que ele próprio se designa e é designado por seus vizinhos, por intermédio de um nome específico, configurando-se na fronteira etnocultural. Para que este termo tenha sentido, é preciso que os atores possam se dar conta das fronteiras que marcam o sistema local ao qual julgam pertencer e para além do qual identificam outros atores implicados em um outro sistema local.

Machado (1998) esclarece que a fronteira indica uma dinâmica de integração e o limite, de separação. A dialética entre esses dois movimentos, duas racionalidades, tipifica a dinâmica de fronteira. Em Taunay, verificam-se basicamente duas racionalidades: a sociocomunitária indígena, predominantemente representada pelas aldeias, e fundiária-capitalista, representada pelas fazendas de pecuária. Observa-se que o desenvolvimento rural acarretou conflitos etnoculturais evidenciando ali uma dinâmica de fronteira etnocultural.

A ocupação por diferentes etnias colocou em contato grupos diferenciados, e a convivência entre eles, no plano sociocultural, é certamente marcada por perspectivas, que teve aspectos positivos e negativos em decorrência do retorno do “Trem do Pantanal”, que foram diagnosticadas pelos moradores do Distrito de Taunay e Aldeias Circunvizinhas.

Na ótica do poder público, entende-se que o Trem Pantanal Express (FIGURA 3) tem o propósito de sensibilizar, preparar e inserir a comunidade indígena no processo de desenvolvimento do turismo local, e assim melhorar sua condição socioeconômica, além de valorizar e auxiliar o resgate de seus valores culturais.

Observa-se que, para o desenvolvimento do turismo em áreas rurais, torna-se necessária a sensibilização do poder público sobre seu papel enquanto planejador no processo de desenvolvimento do município, pois não é só o planejar a cidade, tem-se que atender o município no seu todo e isso inclui, principalmente, os distritos existentes.

No caso específico de Taunay, cuja predominância étnica é do Terena, cabe ao poder público a elaboração de políticas que



**FIGURA 3** – Viagem do Trem do Pantanal ou Pantanal Express. Um produto turístico do estado de Mato Grosso do Sul que provoca mudanças na ordem sócio-espacial do Distrito de Taunay (MS). Fonte: Notícias-MS / 2010.

atendam a um desenvolvimento socioeconômico da comunidade, haja vista que a mesma, tal como aponta Saquet (2007, p. 50) “exerce influência com vistas a uma coesão do grupo” na expectativa de perpetuação de seu patrimônio cultural.

### **PERSPECTIVAS DOS MORADORES DO DISTRITO DE TAUNAY COM O RETORNO DO TREM DO PANTANAL**

Neste tópico, apresentar-se-ão os reflexos do desenvolvimento rural, por meio do turismo no Distrito de Taunay. Para o turismo, a diversidade cultural é focada nas diferenças existentes entre os índios e não-índios e, sempre se correlaciona com o contato entre as diferentes realidades socioculturais, e assim mostrar a necessidade de convívio entre elas. Conforme Raffestin (1993), conviver numa sociedade multiétnica requer, potencialmente, todo um conjunto de dispositivos possíveis para que um grupo (aldeia, comunidade ou tribo) aumente seus trunfos.

A relação entre turismo e cultura é certamente antiga, mas a transformação da

cultura em recurso turístico é bem mais recente e tal processo tem implicações socioculturais que devem ser aqui consideradas.

Enquanto representante da “mundialização” da racionalidade capitalista, o turismo provoca mudanças na cultura de qualquer localidade (BAUMAN, 1999). Objetos, hábitos e manifestações religiosas e culturais são transformados em bens de consumo pelo Turismo. Todavia, os impactos (positivos ou negativos) gerados pelo consumo turístico da diversidade cultural afetam desigualmente os que dele se beneficiam da atividade ou os são por ela prejudicados. Impõe-se um contexto de tensões e conflitos não só entre interesses locais e externos, como emergem e/ou se acirram divergências dentro da comunidade local.

De fato, como afirma Pérez (2009) o chamado Turismo Cultural é um segmento impulsionado por empresas, as quais, representantes de interesses econômicos mercantis, inserem a localidade no âmbito do mercado. A atratividade é fundamentalmente o “diferente”, o “diverso”, do ponto de vista cultural, que provoca a curiosidade, uma

motivação elementar do Turismo (BENI, 1997). Pode-se, assim, concordar com Perez (2009) para quem o turismo cultural é muito mais uma viagem em que se busca o contato (conhecimento e experiência) com a diferença cultural.

Não por outra razão que o Turismo pode mesmo ser visto como uma atividade “ameaçadora” das tradições e valores das comunidades receptoras (JENKINS, LICKORISH, 2000). Alude-se, em vista de uma relação sustentável, que este caráter negativo, isto é, o estabelecimento de uma “subalternidade” do local em relação aos interesses externos, deve ser confrontado por uma postura de parceria. O contraponto está em ver no Turismo uma atividade associada à valorização cultural e à melhoria das condições de subsistência das comunidades receptoras (SWARBROOKE, 2000; PIRES, 2004). É precisamente nesta direção que se aponta a proposta de retomar o Trem do Pantanal.

De fato, segundo a empresa Pantanal Express, o objetivo do referido projeto é resgatar parte da história de Mato Grosso do Sul e da memória de sua gente, principalmente das comunidades situadas ao longo da via férrea, as quais há anos aguardavam a volta do trem. A empresa opera aos sábados, domingos e feriados prolongados, fazendo um trajeto de 220 km, num período de tempo de aproximadamente sete horas, com saída de Campo Grande, especificamente, do Bairro Indubrasil até a cidade de Miranda<sup>4</sup>.

O retorno do Trem do Pantanal aconteceu no dia 8 de maio de 2009 com a participação do Presidente Luis Inácio Lula da Silva. Segundo a empresa gerenciadora deste produto, objetiva-se também que a população do Estado possa ter a oportunidade, assim

como os turistas de outras origens, de desfrutar a beleza paisagística do percurso. Busca-se assim divulgar os atrativos da região pantaneira, assim como a apresentar as comunidades indígenas situadas no trajeto do trem.

De acordo com o poder público, o regresso do Trem do Pantanal é uma forma de integração entre diversos agentes sociais, com a finalidade de um desenvolvimento socioeconômico sustentável para as comunidades locais. As atividades associadas a esse turismo ferroviário na região pantaneira visam à geração de emprego, renda e ocupação para as comunidades envolvidas.

Segundo a Fundação de Turismo de Mato Grosso do Sul, essa prática turística tem como foco: a) sensibilizar a comunidade para a preservação do meio ambiente; b) criar um roteiro que vise ao resgate histórico-cultural na região; c) programar novos roteiros para a prática do ecoturismo, aventura, turismo rural, além da pesca esportiva e seus segmentos; d) aumentar o fluxo de turistas para os municípios e distritos da região e; e) oferecer um meio de transporte alternativo de passageiros.

Com as finalidades já apresentadas pelo poder público e pela Pantanal Express, neste momento, apresentar-se-á a maneira como os moradores do Distrito de Taunay, índios e não-índios enxergaram essa situação, assim como, se as perspectivas criadas antes e depois da inauguração permanecem ou não. Para esta análise, tomou-se por base dois depoimentos<sup>5</sup>. Descrever-se-ão os depoimentos na sua totalidade para, em seguida, comentar-se trechos desses depoimentos.

O primeiro depoimento é a fala de uma moradora nativa da Aldeia, índia Terena, com

ensino superior em Letras/Literatura, que referida como “Depoente A”.

Depoimento sobre o trem do Pantanal. Eu, como índia terena da região do Pantanal, deponho sobre a passagem do Trem do Pantanal. Eu e meus irmãos índios do Distrito de Taunay e aldeias indígenas alegramo-nos com a vinda do trem do Pantanal pois, pensávamos que poderíamos ter outra condução mais barata para irmos à cidade de Aquidauana. Porém, não era o plano do governo. Mas, sim, para os turistas atravessarem o Pantanal e conhecê-lo. Aqui em Taunay o trem pararia entre quinze a vinte minutos. A reforma da Estação Ferroviária foi iniciada, no ano de 2009 estava pronta e bonita. Há várias repartições. Mas, o que nos chamou atenção foi o salão de artesanatos onde pudéssemos exibir os artesanatos terena. No mês de maio de 2009, estávamos todos, na Estação Ferroviária desde às 15:00 horas até às 18 horas esperando o trem. Recordo que alguns soltavam foguetes, outros tocavam berrantes quando o trem parou. Os turistas não desceram pegavam nossas mãos da janela mesmo, para cumprimentar-nos. Havia uns palhaços no trem que faziam graças e cantavam. Como ficamos contentes em recepcioná-los. Nas primeiras semanas foi de muita alegria para recebê-los. Hoje se tornou monótono tanto para nós e como para os turista, eu creio. Ainda creio que se houvesse um guia turístico que animasse a turma daqui na demonstração por exemplo, de sua dança típica seria mais divertida, talvez os turistas teriam mais curiosidade para prestigiar os artesanatos. Hoje vemos algumas pessoas do Distrito de Taunay vendendo salgadinho, café e sucos naturais na parada de 15 minutos. A expectativa que tínhamos com a chegada do Trem do Pantanal foi frustrante. Achávamos que teríamos privilégio de vendermos nossos artesanatos aqui mesmo, e não distante como sempre fazemos, ir à Capital Campo Grande, com tanto sacrifício para vendê-los (DEPOENTE A).

Observa-se na fala do Depoente A características de identidade, sentimento de pertença (linha 1), justifica-se esta característica na fala de Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 143) em que “o fato de nomear tem o poder de fazer existir na realidade uma coletividade de indivíduos a despeito do que os indivíduos assim nomeados pensam de sua pertença a uma determinada coletividade”, ou seja, para a localidade - Distrito de Taunay, onde habitam índios e não-índios, faz-se presente por parte da população, principalmente, a indígena, a identificação étnica.

O Depoente A, no seu relato, informa que, em decorrência da mídia propagada na localidade pelo poder público, em todas as suas instâncias (municipal, estadual e federal), assim como, pela empresa prestadora do serviço de logística - Pantanal Express, achava que a retomada do Trem do Pantanal seria uma forma de transporte alternativo. Diante disso, lembra-se Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 209), os quais dizem que “o incentivo a mudanças 'dinamizam' as circunstâncias”. Esse depoente acreditava, portanto, que o retorno do trem seria mais uma opção de deslocamento para as cidades de Aquidauana e Campo Grande, as quais, vale ressaltar, possuem pontos de comercialização e divulgação de suas especiarias, como comidas típicas e artesanatos indígenas.

Percebeu-se que os índios criaram uma expectativa positiva. De acordo com Chizzotti (2008, p. 106) a “subjetividade do relato pode revelar muito dos anseios e lutas”, isso se remeteu ao processo de parada do trem na estação do Distrito de Taunay, onde acreditavam que poderiam estabelecer contatos diretos com os turistas, além da divulgação das peculiaridades da etnia Terena.

Cientificamente, justifica-se de acordo com a concepção barthiana apresentada por Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 153), que “a manutenção das fronteiras étnicas necessita da organização das trocas entre os grupos e da ativação de uma série de proscricções e de prescrições regendo suas interações”, mas a realidade diagnosticada foi outra. Os turistas não desciam na Estação de Taunay em decorrência do pouco tempo estabelecido para parada, o que dificultava a proposta de comercialização. Isso caracterizou uma das frustrações que a população indígena teve com o retorno do Trem do Pantanal, pois eles (os indígenas) achavam que nesse contato direto poderiam propagar sua etnia e aprender com os turistas. Mais uma vez, são Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 156) que afirmam a importância da troca onde “um grupo pode adotar os traços culturais de um outro, como a língua e a religião, e contudo continuar a ser percebido e a perceber-se como distinto”.

Os moradores do Distrito de Taunay, principalmente os índios, estocaram suas produções de artesanatos, se frustraram devido ao mal planejamento e criaram expectativas diante desta constatação. Sugere-se que se deva observar as partes para poder chegar e/ou compreender e melhorar o todo, ou seja, organizar a interação entre as pessoas (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998). De acordo com a realidade, de que adianta uma alternativa que não seja para atender realmente às necessidades da localidade, e sim alimentar as variantes do sistema, provocando um processo de desordem, quando se propõe o desenvolvimento rural □

O segundo depoimento consiste na fala da “moradora não-índia”<sup>6</sup> do Rio de Janeiro, com ensino superior incompleto, tratada como

“Depoente B”.

Sou residente domiciliada neste Distrito de Taunay/Aquidauana-MS há mais de vinte anos e tive a oportunidade de alcançar o velho trem de passageiros (Bauru-Corumbá) que cruzava todos os dias por volta das 13:00h na Estação que, embora sendo antiga, tinha uma estrutura de alvenaria forte. Era uma festa para as feirantes indígenas e as “chipeiras” que vendiam seus produtos (chipa, mandioca, laranja, abóbora, maxixe, etc). As moças sempre presentes e as crianças também. Haviam os que embarcavam, desembarcavam e os que enviavam encomendas. Era por assim dizer, a vida do local. Depois foi tudo sucateado... até que cessou a circulação do trem, restando apenas os cargueiros (até hoje). De repente, surge a notícia de que o trem iria voltar com força total. Alguns duvidaram, outros se alegraram e a realidade é que a partir de maio de 2009 o Presidente Luiz Inácio da Silva veio à Aquidauana para a Inauguração do “Novo Trem do Pantanal” com percurso inicial de Campo Grande-Miranda, numa viagem à cerca 40 km/h, aos sábados e retornado aos domingos pela manhã. Bem, o senhor quer saber o que penso sobre os benefícios que o empreendimento trouxe à nossa comunidade. Penso que na verdade, esperávamos mais. Ouvimos vários discursos contendo promessas de que haveria geração de empregos, que turismo traria consigo a necessidade de hospedagem, restaurante, comércio de artesanato e produtos regionais, e tantas outras fontes de renda. Na realidade hoje, há oito meses de circulação do trem do Pantanal, nada disso aconteceu. Particularmente, estou sendo beneficiada com a venda de chipa e cafezinho e suco natural desde a inauguração. Surgiram vários ambulantes concorrentes, mas... infelizmente, como o movimento de turistas não ultrapassava a 15-20 pessoas por semana, todos desistiram, restando apenas dois artesãos indígenas, uma artesã não indígena e eu com meus produtos alimentícios. Na Estação que,

após a reforma ficou muito bonita, há espaço reservado para este tipo de comércio. Eu ocupo uma bancada num espaço reservado para uma lanchonete. Alcanço em 15 minutos (tempo de parada) cerca de R\$ 25,00 a R\$ 30,00 com minhas vendas (somente uma ou duas vezes por semana). Trabalho porque gosto do que faço e porque preciso complementar minha renda mensal. Sei que isso é provisório, pois não disponho de capital para vencer uma licitação que por ventura seja realizada para a ocupação da lanchonete. Por sua vez, nem a Prefeitura, nem o governo do Estado, nem a empresa do trem (Americana Logística), se manifestam em tocar o comércio. Como o tempo é curto, os turistas não arriscam sair da estação para conhecer o pequeno centro de comércio local. Bem, para concluir, penso que atualmente os benefícios oriundos com o advento do Trem do Pantanal, não chegaram à nossa comunidade como um todo, até porque a passagem não está disponível em nossa estação. A prefeitura mantém um funcionário para a zeladoria do prédio. Há cerca de 3 semanas a água foi cortada por falta de pagamento. Ninguém se responsabiliza por isso. Os sanitários são limpos por conta da água da chuva que o funcionário tem reservado. E quando a estação chuvosa passar: Quem vai resolver o problema: Não há água para o bebedouro. Desse jeito parece que a Administração pública está fazendo descaso com o próprio investimento e pior ainda, não está preocupada com a “imagem do Pantanal” que já é bem divulgada mundo à fora (DEPOENTE B).

Seguindo o mesmo procedimento de transcrição e análise, identificou-se, em primeiro instante, na fala do Depoente B, que ele contextualiza a localidade, desde a sua chegada ao Distrito de Taunay, e se manifesta em relação às mudanças nesse contexto histórico. Sobre isso, Saquet (2007, p. 52) aponta que o território vive em 'constante

transformação', isso fica evidente, por meio das relações no lugar que o Depoente B estabeleceu no Distrito de Taunay, juntamente com as aldeias circunvizinhas. Percebeu-se ainda que, na existência do trem de passageiros e cargas, a parada no Distrito de Taunay tinha uma grande importância, pois dinamizava a economia local, assim como também era ponto de concentração e estabelecia e ampliava suas relações, fortalecendo as comunidades existentes. O Depoente B destaca que isso foi em determinado período, posteriormente não houve manutenção da estação ferroviária e a infraestrutura da localidade foi 'sucateada', restando apenas o trem de cargas.

Repentinamente, como é observado pelo Depoente B, surgiu a notícia do retorno do Trem do Pantanal, ou seja, criaram-se expectativas por meio de discursos, em que eles acreditavam que essa alternativa do turismo como forma de 'desenvolvimento' atenderia às necessidades da localidade. Mas, passado certo tempo, viram que 'nada disso aconteceu', e o movimento dos turistas não se faz tão significativo como o que foi propagado.

Excepcionalmente, o Depoente B se 'beneficia' do tempo de parada do Trem na Estação do Distrito de Taunay, que é em média de 15 minutos. Ali ele comercializa chipas, cafezinhos e suco natural, isso se dá numa forma de complemento da renda, haja vista que a localidade tem uma carência quanto a geração de empregos. Ele emite uma crítica a todos (poder público e empresas privadas), quanto a alternativa turismo, pois esta alternativa, com o retorno do Trem do Pantanal, não atendeu às expectativas da comunidade até os dias de hoje.

Identificou-se também que o poder público, principalmente o municipal,

juntamente com a empresa, não estão dando manutenção devida a Estação Ferroviária do Distrito de Taunay. A situação é crítica, tendo em vista que a Estação já está com a água cortada e a 'única' pessoa que zela pela estação teve de criar uma forma alternativa de captar a água da chuva para fazer a 'limpeza'. Tal fato é apresentado não somente pelo Depoente B, mas também pelos moradores que vêem como descaso com o próprio investimento e com a imagem do Pantanal.

Verificou-se com esses depoimentos que empresas e, principalmente, o poder público descumprem a Lei “Dos Índios” disposta na Constituição Federal<sup>7</sup>, por exemplo, em seu Art. 231 em que: “são reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens”.

Na Constituição Federal em seu Artigo 215, do parágrafo III, no Inciso 5 lê-se “valorização da diversidade étnica e regional”, ou seja, o poder público tem que cumprir (e fazer cumprir) esta Lei e, não apenas utilizá-la como uma forma de *marketing*, para atender somente a um tipo de classe social e/ou dar continuidade na manutenção do sistema (capitalista). Isso remete ao entendimento de etnicidade como um fenômeno dinâmico situado no tempo e no espaço, transmitido ao longo das gerações de um determinado grupo, que assim não pára de evoluir (POUTIGNAT; STREIFF-FERNART, 1998).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista do objetivo de analisar as perspectivas, por parte das comunidades indígenas de Taunay, de desenvolvimento

rural em vista do retorno do Trem do Pantanal, enquanto produto turístico de caráter privado e empresarial, buscou-se assinalar e analisar as expectativas geradas nas localidades ao longo do percurso ferroviário, em vista do fluxo turístico e da geração de renda (pela comercialização de produtos artesanais indígenas) e alternativa transporte mais barato.

Ao tratar do Turismo, a abordagem teórica partiu da sua inserção no sistema capitalista como atividade que, por sua natureza e caráter, faz a ligação entre o local (enquanto dimensão sociocomunitária, sede do peculiar e do “diferente” em termos culturais) e o mundo (representado pela racionalidade e interesses empresariais e capitalistas, ou mesmo pelo turista, aquele que vem de “fora”). Situou-se neste contexto, as implicações contidas na perspectiva do desenvolvimento rural, especialmente, em torno do contato (ou confronto, do qual decorrem tensões e conflitos) entre indígenas e não-indígenas. Verificou-se que a existência dessa fronteira etnocultural tem importantes implicações na apropriação (ou afetação) desigual das oportunidades e impactos associados ao retorno Trem do Pantanal.

Ainda quanto ao Turismo, permeou-se o potencial implícito a essa atividade em relação às localidades receptoras, que pode ser tanto negativo (quando desestrutura e dilapida o patrimônio histórico-cultural), quanto positivo (quando possibilita ações de valorização do referido patrimônio). Considera-se que tal discussão teórica deve cada vez ser confrontada com a realidade de Taunay, uma vez que a positividade ou negatividade do Turismo nessa localidade receptora (ou nas de passagem) depende, sobretudo, das forças

políticas e econômicas que colocam a favor (ou não) dos direitos indígenas. Não há dúvida de que, do ponto de vista sociocomunitário, o grau de coesão e as condições de existência se colocam como fatores importantes, não raro decisivos, neste contexto.

A Constituição Federal, em relação aos direitos indígenas, destaca principalmente quando destaca a sua preocupação com seu modo de vida e suas necessidades de subsistência econômica e sociocultural, a fim de garantir que tenham condições de se estabelecerem e sustentarem a comunidade, seus traços, costumes e características peculiares. A fronteira etnocultural é entendida aqui como fenômeno social, político e territorial fundado no contato entre diferentes culturas. Trata-se, pois, de um fenômeno complexo, que supõe ir além das demarcações territoriais e considerar a dialética e as vicissitudes dos relacionamentos humanos. Em vista, de tal complexidade, a busca por inovações e providências devem se voltar ao atendimento das necessidades locais numa perspectiva sociocomunitária.

Verificou-se que as frustrações dos moradores do Distrito de Taunay, evidenciadas nos depoimentos analisados, estão direcionadas ao processo de reestruturação do rural, que dinamizou a fronteira etnocultural ali existente, por meio do fomento ao turismo na região pantaneira. Os interesses e expectativas locais não foram considerados no planejamento do Trem do Pantanal, razão pela qual se faz necessária uma reavaliação do roteiro do referido atrativo turístico, em vista das necessidades, interesses e expectativas locais, indígenas e não-indígenas. Tal reavaliação, necessariamente, deve ser realizada com a participação ativa dos

moradores de Taunay, índios e não-índios, por exemplo, na forma de audiências públicas. Assim, os distintos segmentos ali representados poderão expor seus interesses e peculiaridades convergentes e divergentes e, a partir deste fórum, promover o desenvolvimento rural com base nos recursos locais e nas parcerias externas governamentais e não-governamentais.

## NOTAS

<sup>i</sup> Geógrafo; Mestrando em Estudos Fronteiriços pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: [grylinho@gmail.com](mailto:grylinho@gmail.com)

<sup>ii</sup> Geógrafo; Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP); Professor Adjunto da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Departamento de Geociências, Campus de Aquidauana.

E-mail: [pietraecaua@uol.com.br](mailto:pietraecaua@uol.com.br)

<sup>iii</sup> Geógrafa; Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

E-mail: [anapaula\\_rj@yahoo.com](mailto:anapaula_rj@yahoo.com)

<sup>1</sup> FUNAI, Povos Indígenas/Índios do Brasil. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br>> Acesso em: 28 jun./2011.

<sup>2</sup> De acordo com o IBGE (Censo Demográfico, 2010), são cerca de 73.000 indígenas, atrás apenas do Amazonas.

<sup>3</sup> Em Taunay, a etnicidade evidenciou-se por uma prática simbólica durante o trabalho de campo: um som peculiar foi emitido pela

percussão de uma barra de ferro amarrada a um pé de manga, na área de uma das escolas da parte “central” do Distrito (FIGURA 2). Um dos moradores, que também é funcionário (zelador) da escola, aplica 23 batidas nesta barra de ferro, sinalizando o horário das aulas e do ônibus (Expresso Mato Grosso) que sai para Aquidauana.

<sup>4</sup> Dados obtidos no site <[www.pantanalexpress.com/o-passeio](http://www.pantanalexpress.com/o-passeio)>. Acesso em: 21 de março de 2010.

<sup>5</sup> A identificação dos depoentes foi preservada, a fim de não comprometer o resultado da pesquisa, por solicitação dos depoentes. O pesquisador não se responsabiliza pelos erros transcritos de língua portuguesa, a fim de tentarmos manter a identidade cultural da localidade.

<sup>6</sup> Veio do Rio de Janeiro para a realização de um trabalho missionário na localidade e permanece residindo no Distrito de Taunay há mais de 20 anos.

<sup>7</sup> Constituição da República Federativa do Brasil: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988.

## REFERÊNCIAS

ALTIVATER, E. *O preço da riqueza*. São Paulo: UNESP, 1995.

ARAÚJO, A. P. C. *Pantanal, um espaço em transformação*. Tese de Doutorado em Geografia. Rio de Janeiro: PPGG/UFRJ, 2006.

ARAÚJO, A.P.C.; BICALHO, A. M. S. M.; VARGAS, I. A. Organização espacial do turismo no Pantanal de Mato Grosso do Sul. In: NETO, A. F. O.; BASSINELLO, P. Z. *Turismo: diversidade de olhares e experiências*. Campo

Grande: UFMS ed., 2010.

ARRUDA, N. R. de.; Le BOURLEGAT, C. A. Transporte turístico, territorialidade e desenvolvimento local. In: NETO, A. F. O.; BASSINELLO, P. Z. *Turismo: diversidade de olhares e experiências*. Campo Grande: UFMS ed., 2010.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FERNART, J. *Teorias da etnicidade*. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BAUMAN, Z. Turistas y vagabundos. In: *La Globalización: consecuencias humanas*. Buenos Aires: FCE, 1999. p. 103-133.

BENI, M. C. *Análise estrutural do Turismo*. 10ª ed. São Paulo: SENAC/SP, 1997.

BRAND, A. J. Povos indígenas do Mato Grosso do Sul: A luta está cada vez mais difícil. Entrevista especial Antônio Brand. *Ecodebate – Cidadania e Meio Ambiente*, 01 Abr. 2009. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2009/04/01/povos-indigenas-do-mato-grosso-do-sul-a-luta-esta-cada-vez-mais-dificil-entrevista-especial-com-antonio-brand/>> Acesso em: 21 set. 2010.

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 144.

COUTINHO, E. *Rondon, o civilizador da última fronteira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. p. 127.

ENCICLOPÉDIA dos Municípios Brasileiros – Volume XXXV, ano 1958

FONSECA, M. A. P. da *Políticas públicas espaço e turismo: uma análise sobre a incidência espacial do Programa de desenvolvimento do Turismo no Rio Grande do Norte*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGG, 2004. (Tese de doutorado).

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: Encontro de

Geógrafos da América Latina, 10, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2005.

IANNI, O. *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização Moderna, 1997.

JENKINS, C. L.; LICKORISH, L. J. *Introdução ao turismo*. Rio de Janeiro: CAMPUS, 2000.

MACHADO, L. O. Limites, Fronteiras e Redes. In: STROHAECKER, T. M.; DAMIANI, A.; SCHAFFER, N. O.; BAUTH, N.; DUTRA, V. S. (org.). *Fronteiras e Espaço Global*, Porto Alegre: AGB, 1998. p.41-49.

MENEGAZZO, M. A. A situação da cultura em Mato Grosso do Sul. In: Seminário Estadual do Fórum de Cultura de Mato Grosso do Sul. *Anais...* Campo Grande: Secretaria de Estado de Meio Ambiente, Cultura e Turismo, 2002.

MIRANDA, C. do C. *Territorialidade e Práticas Agrícolas: premissas para o desenvolvimento local em comunidades Terena*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local). Universidade Católica Dom Bosco - UCDB: Campo Grande. 2006. p. 122.

OMT - *Introdução al turismo*. Madri, 1998.

PAULA, J. de. Territórios, redes e desenvolvimento. In: BRAGA, C., MORELLI, G., LAGES, V. N. *Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará; Brasília: SEBRAE, 2004. p. 71-84.

PÉREZ, X. P. *Turismo Cultural: uma visão antropológica*. Tenerife-Espanha: ACA & PASOS, 2009.

PIRES, E. V. Impactos Sócio-Culturais do Turismo sobre as comunidades receptoras: uma análise conceitual. *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 14-18, 2004.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FERNART, J. *Teorias da etnicidade*. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo: Ática, 1993. p. 269.

ROSA, R. de O. *Patrimônio Natural e Cultural, Atividade Turística e Políticas Públicas para o Desenvolvimento Local Sustentável de Aquidauana-MS*. Dissertação de Mestrado em Geografia. UFMS: Dourados, 2004. p. 115.

RUSCHMANN, D. *Turismo e planejamento sustentável*. Campinas: Papirus, 1997.

RUIZ, B. *A Estação Ferroviária de Aquidauana MS e o seu entorno*. Aquidauana (MS): CPAQ/UFMS, 2009.

SANTOS, M. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1994.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAQUET, M. A. *Abordagens e concepções sobre território*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 200.

SILVA, A. C. S. da; BRAND, A. Quem deve atuar na escola indígena de ensino médio: índios e/ou não índios? In: Seminário povos indígenas e sustentabilidade: saberes locais, educação e autonomia, 3, 2009, *Anais...* Campo Grande: UCDB, 2009. p. 1-10. 1 CD-ROM.

SOJA, E. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SWARBROOKE, J. *Turismo sustentável: conceitos e impactos ambientais*. Trad. Margarete Dias Pulido. São Paulo: ALEPH, 2000.